



## Sob o véu do preconceito: uma análise das mulheres e da sociedade islâmica pela obra de Marjane Satrapi

Under the veil of prejudice: an analysis of women and Islamic society

Por Luciana Zamprogne Chagas  
Mestranda em Ciências Sociais (UFES)

### Resumo

Partindo, principalmente, das reflexões de Stuart Hall e Edward Said sobre a divisão política do mundo entre orientais e ocidentais, juntamente com as noções de hibridação de Nestor Canclini, utilizarei a produção quadrinística da artista iraniana Marjane Satrapi – *Persépolis* e *Bordados* – que discute a sociedade iraniana e as mulheres iranianas sob um ponto de vista bastante peculiar, em conjunto com o livro da jornalista australiana Geraldine Brooks, intitulado “Nove partes do desejo: o mundo secreto das mulheres islâmicas” para discutir as reflexões que essas duas autoras fazem sobre as percepções deturpadas e hegemônicas que o discurso ocidental possui sobre as mulheres do Islã. O corpo deste artigo compõe uma retrospectiva histórico-cultural sobre o islamismo, e posterior debate acerca das mulheres, em uma perspectiva mais ampla e menos eurocêntrica, com foco nas interações sociais e nas particularidades culturais intrínsecas a essa sociedade, com o interesse de levantar outras histórias acerca da situação da mulher islâmica que a comumente contada pelo ponto de vista do mundo ocidental.

### Palavras-chave

Pós-colonialismo. Islamismo. Gênero. Histórias em quadrinhos.

### Abstract

Based, mainly, in Stuart Hall and Edward Said theories about world political division between East and West, along with the notions of hybridization of Nestor Canclini, I will use the comic books called *Persépolis* and *Embroideries* of Iranian artist Marjane Satrapi - - which discusses the Iranian society and Iranian women in a specific point of view, and the book of Australian journalist Geraldine Brooks, titled: “Nine parts of desire: the hidden world of Islamic women” to discuss ideas of these two authors about misleading perceptions and a hegemonic Western discourse about the women of Islam. The body of the article comprises a cultural historical retrospective on the Islam, and subsequent a less Eurocentric discussion about the women, with focus on social interactions and the cultural particularities intrinsic to that society. The interest is to raise other stories about the situation of Muslim women, often told by the Western point of view.

### Keywords:

Post-colonialism. Islam. Gender. Comic books.

### Introdução: the West and the rest: a parcialidade dos discursos libertários

A maioria das pessoas hoje sabe como é difícil avaliar a vida e as pretensões de outras culturas e tradições sem cair presa dos preconceitos decorrentes das perspectivas nossas. Quando deixamos de avaliar os outros com imparcialidade, torna-se muito mais improvável receber deles tratamento

imparcial. Esse tipo de etnocentrismo, por mais que nos aflija, já não tem como nos surpreender.<sup>1</sup>

Peguei esse título emprestado de Stuart Hall, porque ele sinaliza bem a discussão etnocêntrica na qual estamos imersos, e que produz uma série de discursos enviesados e totalizantes travestidos de

<sup>1</sup> APPIAH, K. A. *Na casa do meu pai: a África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. p. 22.

liberdade, igualdade e fraternidade. Falo isso porque, ao longo da história que aprendemos, contada pela perspectiva eurocêntrica e colonizadora, o mundo tem sido dividido entre “Ocidente” e “Oriente”, cujo centro do mapa se encontra no meridiano de Greenwich, província periférica à capital da Inglaterra, maior potência econômica europeia durante quase três séculos. Assim, incorporamos esse discurso como sendo universal, o que está longe de se configurar como realidade.

We have to use short-hand generalizations, like ‘West’ and ‘western’, but we need to remember that they represent very complex ideas and have no simple or single meaning. At first sight, these words may seem to be about matters of geography and location. But even this, on inspection, is not straightforward since we also use the same words to refer to a type of society, a level of development, and so on. It’s true that we call ‘the West’, in this second sense, *did* first emerge in Western Europe.<sup>2</sup>

Hall continua, afirmando que, em termos tecnológicos, o Japão é ocidental; e a América do Sul, com seus países do Terceiro Mundo, luta para acompanhar o “Ocidente”. Em outras palavras, longe desses limites serem geográficos, eles encerram divisões políticas, culturais, sociais e, sobretudo, econômicas.

A partir dessa configuração mundial, criou-se uma dicotomia entre o Ocidente e “o resto”, compreendido, literalmente, como todo o mundo que não acompanha o desenvolvimento econômico das superpotências. A generalização trouxe diversos estereótipos sobre povos e culturas. Tratarei aqui exclusivamente dos que foram criados sobre o Oriente, denominados *orientalismo*.<sup>3</sup>

Em grande parte pejorativos e excludentes, principalmente após o 11 de Setembro, relacionando os orientais, sobretudo os povos árabes, a figuras fundamentalistas, tirânicas, terroristas, machistas, extremamente repressoras e vis, em contraposição a uma suposta diferença com

o Ocidente, compreendido como libertário e igualitário, defensor dos direitos humanos.

Nesta reflexão, existe um grande parêntese sobre a figura feminina. A condição das mulheres muçulmanas é um tema que costuma ser tão generalizado e estereotipado quanto a ideia que se faz do Oriente. A realidade é que, assim como ocorre no Ocidente, a condição da mulher possui diversas nuances ligadas tanto a questões conjunturais quanto estruturais.

Partindo, principalmente, das reflexões de Stuart Hall<sup>4</sup> e Edward Said<sup>5</sup> sobre a divisão política do mundo entre orientais e ocidentais, juntamente com as noções de *hibridação* de Nestór Canclini, utilizarei a produção quadrinística da artista iraniana Marjane Satrapi – *Persépolis* e *Bordados* – que discute a sociedade iraniana e as mulheres iranianas sob um ponto de vista não-ocidental, em conjunto com o livro da jornalista australiana Geraldine Brooks, intitulado *Nove partes do desejo: o mundo secreto das mulheres islâmicas* para corroborar as reflexões dessas duas autoras sobre as percepções deturpadas e hegemônicas que o discurso ocidental possui sobre as mulheres do outro.

Em minha opinião, a história é feita por homens e mulheres, e do mesmo modo ela também pode ser desfeita e reescrita, sempre com vários silêncios e elisões, sempre com formas impostas e desfiguramentos tolerados, de modo que o “nosso” Leste, o “nosso” Oriente, possa ser dirigido e possuído por “nós”.<sup>6</sup>

O propósito final deste ensaio é, portanto, suscitar debates acerca das relações de gênero em uma perspectiva mais ampla e menos eurocêntrica, com foco nas interações sociais e nas particularidades culturais intrínsecas a essa sociedade, ao invés de tentar um comparativo analítico baseado em juízos de valor ocidentais e embasados na perspectiva dos “direitos humanos universais”.

Cabe ressaltar que a argumentação exposta aqui não depende de um rol de textos acerca do Oriente, mas de um conjunto delimitado de obras e

<sup>2</sup> HALL, S. The West and the rest: discourse and power. In: *Formations of modernity*. [s.l.]: Polity Press, 1992. p. 276.

<sup>3</sup> SAID, E. W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

<sup>4</sup> HALL, 1992.

<sup>5</sup> SAID, 2010.

<sup>6</sup> SAID, 2010, p. 14)

referências que compõem uma lista de contradiscursos sobre essas generalizações históricas.

### Caem as torres, ascendem as intolerâncias

[...] os terríveis conflitos reducionistas que agrupam as pessoas sob rubricas falsamente unificadoras como “América”, “Ocidente” ou “islã”, inventando identidades coletivas para multidões de indivíduos que na realidade são muito diferentes uns dos outros, não podem continuar tendo a força que têm e devem ser combatidos; sua eficácia assassina precisa ser radicalmente reduzida tanto em eficácia como em poder mobilizador.<sup>7</sup>

Antes dos atentados às Torres Gêmeas em 2001, lembro-me apenas de ver histórias do Oriente nos filmes do Indiana Jones. Era ainda uma terra distante, cheia de mistérios e pessoas com rituais macabros, que comiam cérebro de macaco na hora do almoço.

Quando liguei a televisão na manhã do 11 de Setembro, não fazia ideia de por que estavam mostrando um prédio pegando fogo em todos os canais. O segundo avião não tinha ainda batido contra a outra torre e cada canal dava uma informação diferente. Eu tinha quinze anos na época e minha referência primária era a televisão. A partir desse episódio, comecei a ouvir insistentemente na televisão e na escola que existia o tal “terrorismo”, que mais me lembrava dos kamikazes japoneses e de seu ataque a Pearl Harbour. Logo depois, estava na época de fazer o vestibular, e os professores de História tentavam explicar o antigo conflito entre Israel e a Palestina, pois poderia cair na prova, já que, de uma hora para outra, o Oriente Médio passara a ser notícia em todos os jornais do mundo.

De fato, esse conflito virou figurinha carimbada de provas por todo o Brasil, assim como, por tabela, todos os países do Oriente Médio, que seguidamente sofreram intervenção militar estadunidense. Já em 2003, às vésperas do vestibular, fui orientada a entender que muçulmanos eram criaturas horrendas e vis,

totalitaristas que desrespeitavam os direitos humanos para viver pela Sharia.<sup>8</sup>

Dentre os temas abordados pelos professores, estava o tratamento que os árabes davam às mulheres. Foi a primeira vez também que ouvi falar no *Xador*<sup>9</sup> e no apedrejamento de adúlteras. Nessa época também foi lançada na Rede Globo uma novela denominada *O Clone*, e lembro-me unicamente da vez que assisti a um capítulo e fiquei horrorizada, pois na cena o marido estava exatamente no momento que expulsava a esposa de casa, como se fosse um “vira-latas”, repudiando-a por três vezes.

Os direitos das mulheres muçulmanas têm constituído, ao longo da história recente, uma importante fonte do argumentário político internacional, cuja eloquência acentuou no Pós 11 de Setembro. Este argumentário tem sido esgrimido não apenas pelas sociedades ocidentais que elevaram a vitimização da mulher muçulmana para melhor afirmarem a sua superioridade moral (e, inclusivamente, reforçarem a justificação da sua intervenção militar de acordo com os novos mapas da guerra), como por alguns países muçulmanos, os quais, com menor ou maior participação das suas mulheres, enfatizam a soberania nacional em termos civilizacionais através da radicalização da xari'a no que às mulheres diz respeito.<sup>10</sup>

Somente percebi como minha visão dos árabes havia passado de total falta de conhecimento para a aversão completa, quando, em passeio por Foz do Iguaçu, deparei-me com a maior colônia árabe do Brasil, e vi, pela primeira vez, num sol de quase quarenta graus, mulheres usando *Hijab* e *Xador*. Incomodou também a dificuldade em comprar até um lanche, pois, se meu companheiro não estivesse comigo, os donos das lanchonetes mal me dirigiam o olhar.

<sup>8</sup> Sharia, Xari'a ou Chari'a é a lei islâmica que organiza a sociedade muçulmana.

<sup>9</sup> É interessante notar que muitas pessoas que não conhecem o Islã confundem o *Hijab*, o véu, com o *xador*. O primeiro cobre apenas o cabelo e os mais conservadores, o pescoço. O *xador* é um manto preto ou azul-escuro largo que cobre todo o corpo da mulher, deixando livre apenas os olhos.

<sup>10</sup> SILVA, Maria Carneira da. As mulheres, os outros e as mulheres dos outros: feminismo, academia e Islão. *Cadernos Pagu*, n. 30, p. 137-159, jan./jun. 2008, p. 139

<sup>7</sup> SAID, 2010, p. 25.

Julguei-os extremamente mal-educados e machistas, porque parecia que eu tinha alguma doença contagiosa. Por ser míope à cultura islâmica, não fazia ideia do desconforto que causava a minha figura, pois é desaconselhável – leia-se proibido – para um muçulmano entrar em contato com uma mulher ou conversar diretamente com ela, pois, no entendimento do islã, a voz feminina é extremamente sensual e todo homem deve evitar o contato com mulheres que não sejam da sua própria família. Como só ouvia falar do tratamento desumano que todos os árabes tinham para com suas mulheres, não foi difícil julgar todos os vendedores que me atenderam como retrógrados e machistas<sup>11</sup>.

É importante ressaltar que, ao mesmo tempo em que crescia em nós, no ocidente, um espanto acerca das práticas desumanas dos árabes, concomitantemente crescia um antiamericanismo corroborado pelos constantes ataques e destruições que o Governo estadunidense provocava no Oriente Médio, aliado à guerra desigual entre a Palestina e Israel – sempre apoiado militar e economicamente na potência norte-americana - e a impressão de injustiça é inegável quando, em um conflito, se vê um exército fortemente armado investir contra as pedras das crianças palestinas. Ainda que a cobertura da imprensa tentasse favorecer sempre a posição e os interesses de Israel e dos Estados Unidos, relatos e reportagens sobre a guerra e o conflito que se arrasta foram ganhando contornos de desequilíbrio de forças, quando assistimos pela TV, o avanços dos *kibutz*<sup>12</sup> e o encurtamento do espaço dos palestinos.

A região ganhou tão notória distinção que poucos associam o fato de que o Oriente Médio não é um continente, e sim uma região da Ásia. Aos poucos, foram sendo associadas às investidas militares estadunidenses, o interesse pelo petróleo da região. Curiosamente, outro país asiático também começou a ganhar destaque no Ocidente: a

China dos Laogais,<sup>13</sup> uma ferida exposta e pouco discutida pelas autoridades mundiais, uma vez que toda a indignação dos países defensores dos direitos humanos, acerca das práticas desumanas árabes, esmaece perante a forte economia do Dragão Chinês. Se isso tudo é fato ou teoria da conspiração, o que de fato me chama a atenção é o conjunto desses fatos contribuiu fortemente para que o estereótipo do povo árabe se consolidasse.

### O orientalismo ocidental

Esse debate é global e possui polarizadores tanto nos Estados Unidos quanto nos países árabes. O anti-islamismo e o antiamericanismo são sintomas que repetem o antissemitismo, talvez não com a mesma eficiência de dizimação que os campos de concentração nazistas, porém com o mesmo ódio e capacidade de cometer atrocidades. Além disso, a ascensão de discursos fundamentalistas que ascenderam ao Governo pode ser vista em ambos os lados, com a reeleição de George W. Bush e o aumento de governos totalitaristas islâmicos no Oriente.

[...] nem o termo “Oriente”, nem o conceito de “Ocidente” têm estabilidade ontológica; ambos são constituídos de um esforço humano – parte afirmação, parte identificação do Outro. O fato de que essas rematadas ficções se prestem facilmente à manipulação e à organização das paixões coletivas, nunca foi mais evidente do que em nosso tempo, quando a mobilização do medo, do ódio e do asco, bem como da presunção e da arrogância ressurgentes – boa parte disso relacionado ao islã e aos árabes de um lado, e a “nós”, os ocidentais, do outro – é um empreendimento em escala muito ampla.<sup>14</sup>

Um contexto de ódio e intolerância tem arregimentado discursos totalizadores, que pouco ou nada têm a ver com a realidade. Para entender melhor a posição do Ocidente em relação ao

<sup>11</sup> Meu ponto de vista pessoal serve apenas como uma ilustração do pensamento orientalista, além de um exercício à alteridade.

<sup>12</sup> Assentamento judeu na área da palestina. São as colônias que se espalham pela região.

<sup>13</sup> Laogai foram campos de concentração implantados pelo sistema chinês, sob o comando de Mao-Tsé-Tung em 1950, para esmagar a dissidência e a oposição dentro do país. Estima-se que 50 milhões de pessoas tenham passado pelos Laogai, distribuídos em 909 campos no país. Para saber mais, cf. LAOGAI research foundation. Disponível em: <<http://www.laogai.org/>> Acesso em 27 jul. 2011.

<sup>14</sup> SAID, 2010, p. 13.

Oriente, Said divide *orientalismo*, a saber: 1) O orientalismo acadêmico, utilizado por várias instituições que ensinam, escrevem ou pesquisam sobre o Oriente. Ele frisa que esse termo tem sido deixado de lado por orientistas, pois denota a atitude arrogante do colonialismo europeu do século XIX; 2) uma distinção feita entre “Oriente” e “Ocidente”, abraçada por diversos pensadores como ponto de partida para suas teorias; e, por último, 3) uma definição mais histórica que material, figurado como a instituição autorizada a lidar com o Oriente, “corroborando afirmações a seu respeito, descrevendo-o, ensinando-o, colonizando-o, governando-o”, ou seja, um estilo ocidental de autoridade sobre o Oriente (SAID, 2010, p. 29).

Em todas as três definições, o *orientalismo*, se pensado como uma prática discursiva, é um movimento de compreensão do Oriente através dos olhos do Ocidente, numa perspectiva da cultura europeia e de suas subseqüentes falhas sobre a alteridade oriental, incapaz de compreender o Outro, uma vez que utiliza a si própria como referência valorativa, e que consiste muito mais em uma rede de interesses e pontos de vista do que no Oriente de fato.

Esse jogo de perspectivas sobre o Outro, tão caro à antropologia, demonstra como as culturas se erguem e se tornam parte integrante umas das outras, através de um discurso baseado em instituições, imagens, doutrinas e estilos, como um *Mise en Abyme*.<sup>15</sup> Essa fusão demonstra que os

saberes e costumes de culturas diversas constituem processos de *hibridação cultural*, sincréticos e fundidos dinamicamente.<sup>16</sup>

Existem vários *fluxos*<sup>17</sup> de pessoas, valores e conceitos, que criam *fronteiras*, entendidas tanto como espaços físicos quanto como símbolos utilizados para a sua demarcação. Transitando entre essas fronteiras, existem também os *híbridos*, que pertencem a vários fluxos. E foi nesses diferentes *fluxos, fronteiras e híbridos* que Ocidente e o Oriente se delinearam. É importante ressaltar que não é somente de  *fusão* que as fronteiras culturais se alimentam. Elas também segregam, produzem novas desigualdades e estimulam reações diferenciadoras e intolerantes com o Outro.

É nesse *jogo de espelhos* que as mulheres ocidentais e orientais se encontram, sendo míopes à sua própria cultura, quando negam a alteridade. E é nesse *abismo* que entrei quando resolvi fazer uma análise de discurso e conteúdo das obras da artista Marjane Satrapi e das infinitas particularidades sobre as mulheres islâmicas, descrita nas próximas linhas.

### Perseguindo *Persépolis*: o papel da mulher na sociedade islâmica e a reinvenção do Irã

Se as histórias em quadrinhos misturam gêneros artísticos prévios, se conseguem que interajam personagens representativas da parte mais estável do mundo – o folclore – com figuras literárias e dos meios massivos, se os introduz em épocas diversas, não faz mais que reproduzir o real, ou melhor, não faz senão reproduzir teatralizações da publicidade que nos convencem a comprar aquilo de que não precisamos, as “manifestações” da religião, as “procissões” da política.<sup>18</sup>

Escolhi uma história em quadrinhos primeiramente por ser uma das minhas principais

<sup>15</sup> Do francês, “cair no abismo”, trata-se de um dos meios empregados pela literatura para falar sobre si mesma. Cf. Garcia, que descreve a *mise en abyme* como caminho para uma tarefa “desconstrutora porque, em sua multiplicidade, oferece-se como blocos de significação que, se desunidos, desarticulam a complexa rede de relações, onde cada unidade é um nó, assinalando o cruzamento de cadeias significativas diversas”. Ou seja, ela vai ser caracterizada por um movimento muito parecido com o da dialética, que, se transposto para um desenho, seria representado por um helicóide, um elemento de duplicação interior, uma história dentro da história; é um dos recursos mais eficazes para se obter coincidências bem construídas. Também é frequentemente retratado como um jogo de espelhos na fotografia. GARCIA, Maria José Ladeira. A *mise en abyme* em Inventário do inútil de Elias José. *Verbo de Minas*, Juiz de Fora, v. 7, n. 13, jan./jun. 2008, p. 127-138. Disponível em:

<[http://web2.cesjf.br/sites/cesjf/revistas/verbo\\_de\\_minas/edicoes/2008](http://web2.cesjf.br/sites/cesjf/revistas/verbo_de_minas/edicoes/2008)>. Acesso em: 03 ago. 2011.

<sup>16</sup> CANCLINI, N. Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2008.

<sup>17</sup> HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, abr. 1997. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104)> Acesso em: 23 jul. 2011.

<sup>18</sup> CANCLINI, 2008, p. 345.

fontes de pesquisa social hoje. Saindo do eixo quadrinhos estadunidenses/mangas,<sup>19</sup> existe uma lista vasta de obras altamente representativas sobre diversas sociedades e diversos aspectos dessas sociedades.

*Persépolis* é uma obra singular por vários motivos. Primeiro por ser escrita por uma mulher, coisa rara no meio quadrinístico. Mais raro ainda o fato de ela ser iraniana. Além disso, é uma autobiografia, outra coisa bastante incomum nas HQs. Talvez por isso *Persépolis* tenha feito tanto sucesso, já que, em geral, o leitor de quadrinhos pensa-se também como um crítico de arte, e obras com desenhos toscos como os de Satrapi raramente conseguem vez no mercado. O poder dessa obra encontra-se, portanto, em seu enredo e em sua prática discursiva e esse será o foco da minha análise.

A autora conseguiu romper as barreiras entre o Ocidente e o Oriente, expondo como o Oriente Médio, devido ao seu amplo processo de colonização pela Europa e pelos Estados Unidos, pode ser entendido como uma *cultura de fronteira*<sup>20</sup> tanto quanto o México ou o Brasil e isso também discutirei, brevemente, em tópicos posteriores.

Não obstante, é importante, primeiramente, entender o islã da época de Maomé e a decisiva participação feminina nele, antes de falarmos especificamente do Irã de Satrapi, pois o aspecto religioso tem profunda influência na sociedade árabe e em seu posterior processo de descolonização.

### A *Jihad* e as mulheres na constituição do islamismo

O profeta [Maomé] adorava mulheres. Ele casou com sua primeira esposa quando tinha 25 anos. Analfabeto, órfão e pobre, nunca esperaria receber um pedido de casamento de sua patroa, Khadija, uma rica negociante pelo menos 10 anos mais velha, e que o contratara

como gerente de sua empresa de comércio internacional.<sup>21</sup>

Maomé ainda era casado com Khadija quando teve sua primeira visão. Foi ela que o encorajou a seguir em frente, pois o profeta achava que estava ficando louco. Khadija prontamente se converteu à nova religião do marido e, assim, o primeiro muçulmano do mundo foi uma mulher.<sup>22</sup>

Khadija morreu aos sessenta e nove anos, com trinta e quatro anos de casamento, sendo a única mulher de Maomé até então. Curiosamente, foi somente após a sua morte que o profeta começou a ter revelações divinas sobre o estatuto da mulher islâmica. Assim

Khadija, a primeira mulher muçulmana, nunca teve que usar véu nem ficar confinada, e nunca viveu para ouvir a palavra de Deus proclamando que os homens comandam as mulheres, porque Deus fez com que prevaleça sobre o outro e porque eles gastam de sua propriedade [para sustentá-las]. Uma revelação como esta saindo dos lábios de Maomé teria parecido estranha se Khadija ainda estivesse viva e pagando as contas do marido.<sup>23</sup>

Aos cinquenta e nove anos, Maomé torna-se, pela primeira vez, polígamo. Dali em diante, o profeta possuiu diversas esposas, e foi-lhe revelado que Deus autorizava o homem a ter até quatro mulheres. Com a expansão do islamismo, a maioria dos casamentos se fez por alianças políticas. Os últimos 10 anos de vida do profeta refletiram a expansão da religião através de seus inúmeros casamentos. Em países em guerra, é comum haver mais mulheres que homens, e Maomé tinha o costume de tomar viúvas como esposas. Ainda assim, há indícios de que ele sabia o problema e o desconforto que a poligamia causava às mulheres, pois, quando seu genro, Ali, pensou em se casar

<sup>19</sup> Denominação para quadrinhos japoneses.

<sup>20</sup> CANCLINI, 2010.

<sup>21</sup> BROOKS, Geraldine. *As nove partes do desejo: o mundo secreto das mulheres islâmicas*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2002. p. 16.

<sup>22</sup> CHEBEL, Malek. *As três vidas de Maomé*. 2004. p. 02. Disponível em: <[http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/as\\_tres\\_vidas\\_de\\_maome\\_4.html](http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/as_tres_vidas_de_maome_4.html)>. Acesso em 10 ago. 2011.

<sup>23</sup> BROOKS, 2002, p. 16.

pela segunda vez, Maomé foi desfavorável, dizendo que sua filha, Fátima, poderia ficar descontente.<sup>24</sup>

Suas revelações sobre a conduta que Allah exigia das mulheres ajudavam sempre que sua casa estava em pé de guerra. Foi o que ocorreu, por exemplo, quando Deus lhe enviou uma mensagem dizendo que confinasse suas mulheres, já que o ciúme e a intriga estavam tomando conta do cotidiano de sua casa.

Assim, elas não deveriam sair de seus aposentos e, dessa forma, Maomé evitava que as fofocas sobre suas esposas se espalhassem pela comunidade e criassem possíveis desavenças políticas. Essa ideia foi amplamente aceita pela comunidade islâmica, uma vez que os persas, ao contrário dos árabes, já segregavam os gêneros. A diferença é que o véu persa era utilizado pelas mulheres de nobres, como sinal de *status*.

Logo após a morte de Khadija, Maomé tomou duas mulheres um tanto quanto diferentes: Aisha, tida como o maior amor de Maomé, casou-se com apenas 6 anos, mas não teve o casamento consumado, sequer ficou sabendo que estava casada. Quando foi morar na casa do profeta, aos nove anos, levou consigo seus brinquedos e bonecas. E Sawda, uma devota fervorosa, uma das primeiras mulheres a se converter ao islamismo. Mesmo não escondendo sua preferência por Aisha, Maomé tentava passar a noite com cada esposa, dando atenção a todas, o que também se tornava motivo de desavenças.<sup>25</sup>

Aqui cabe um adendo sobre um importante aspecto do islã em relação ao Ocidente. Em algumas passagens de seu livro, Brooks ressalta essa relação da sexualidade entre os muçulmanos. Os dogmas islâmicos exaltam a prática sexual e a colocam como uma das principais necessidades do ser humano e de um casamento sólido. Há passagens do livro de Brooks<sup>26</sup> em que ela descreve o espanto que teve ao ver as mulheres islâmicas falarem abertamente sobre sexo. O muro pudico que o véu impõe às mulheres na vida pública é completamente dispare do mundo privado.

Uma das possíveis interpretações, inclusive, para a situação de confinamento das mulheres é que, como são seres extremamente sensuais, podem facilmente corromper os homens despertando sua libido. Por isso, devem se mostrar apenas para o marido, que tem a obrigação de ser um bom parceiro sexual. Há casos, inclusive, de esposas que pedem o divórcio porque o marido não atende a suas necessidades sexuais.

A importância de recontar os primórdios do islamismo e alguns de seus aspectos culturais é crucial para entendermos a situação das mulheres do Oriente Médio hoje. Como toda grande religião do mundo, o islã apropriou-se de várias práticas locais por onde foi sendo implantado e essa hibridação traz interpretações e situações diversas acerca da condição das mulheres islâmicas. Os *hadith*<sup>27</sup> são lidos de formas diversas e percebe-se que as palavras de Deus são interpretadas conforme a conveniência e a necessidade de cada época.<sup>28</sup>

Se é verdade que a questão de igualdade entre os sexos confronta o referencial islâmico e coloca o mundo muçulmano no tribunal das nações em função das leis de desigualdades que regem as relações sociais entre os sexos, principalmente na esfera privada, não é menos verdade que a condição de inferioridade e de precariedade nas quais estão confinadas a maior parte das mulheres nas sociedades árabes-muçulmanas são oriundas principalmente da hegemonia de uma mentalidade (de um sistema) patriarcal, que instrumentaliza sua leitura da religião para legitimar as situações de dominação, de violência e de exclusão em relação às mulheres. É uma leitura baseada numa

<sup>27</sup> Revelações de Allah, escritas no Alcorão.

<sup>28</sup> Isso não é exclusividade do islamismo. No cristianismo e no judaísmo – as outras duas grandes religiões do mundo –, percebemos vários casos como esses. Haja vista a discussão de cunho religioso pela qual passou o Brasil quando se votou a favor da união civil homossexual, ou nas eleições, quando se discutiu o aborto. A frase pernicioso do pastor Silas Malafaia, “Deus ama o pecador, mas não ama o pecado”, tem sido o jargão de diversos discursos homofóbicos na sociedade brasileira.

<sup>24</sup> BROOKS, 2002, p. 16.

<sup>25</sup> BROOKS, 2002, p. 16.

<sup>26</sup> BROOKS, 2002.

interpretação restritiva e rígida dos textos corânicos.<sup>29</sup>

As tradições das sociedades islâmicas, entretanto, acabam por prevalecer, mesmo em casos particulares, como o das mulheres da Eritreia, que entraram na guerra contra a Etiópia na década de noventa. Terminada a batalha, essas mulheres adquiriram *status* de heroínas e não queriam voltar a ser confinadas em seus lares. Consequentemente, isso não fazia delas “boas noivas” na concepção dos aldeões, que ainda valorizavam na figura da mulher a modéstia, a virgindade e a submissão.<sup>30</sup>

Em contrapartida, há ainda casos extremos como o da Turquia, “onde um em cada seis juízes é mulher, e uma em cada 30 empresas privadas é gerida por mulheres”.<sup>31</sup> Ou ainda o do Egito, onde as mulheres participam como força de trabalho em vários setores da economia. Essas tensões e problemas relativos aos gêneros e à modernização do islã encontram-se por todos os países árabes, cada qual com sua particularidade histórica, e é isso que percebemos com a reconstituição da história do Irã, contada por Satrapi.

O Irã faz parte da região conhecida no mundo antigo como a Pérsia. Em 642 d.c, houve uma batalha pela conquista do país, e os árabes instalaram-se na região, levando consigo o “islã de vencidos, um islã subterrâneo, estérico e revolucionário, o xiísmo”.<sup>32</sup> Em 1979, ocorre a Revolução Islâmica no país, que defendeu a volta da Sharia e do Estado islâmico.

É importante entender como funciona esse outro aspecto: a política cultural muçulmana, uma variável importante na situação da mulher muçulmana e historicamente ligada a ela.

### **Xiitas e sunitas: a participação das mulheres na constituição política do islã**

O islamismo é dividido em duas ramificações: xiitas e sunitas. Depois que Maomé morreu, ao

sessenta e três anos, houve uma grande luta pelo poder e pela posição de califa, que já vinha sendo travado muito antes. De um lado estava Ali, o genro, e Fatima, a filha do Profeta; do outro Aisha, mulher preferida de Maomé e inimiga de Fatima, e Omar, o lugar-tenente de Maomé que brigava com Ali para ser o braço direito do islã. A filha do profeta proclamou que a liderança do islã deveria ficar com os parentes de sangue e que esse seria o desejo de Maomé. Os *Shiat Ali*, ou Partidários de Ali, a apoiaram, mas ela não conseguiu convencer a maioria da comunidade, que, influenciada por Aisha, entendeu que as determinações do islã deveriam ser regidas pela *Sunnah*, uma espécie de conselho. Estava instaurada a cisão da religião islâmica que perdura até os dias atuais.

Fatima insistiu em sua ideia, que foi entendida como uma teimosia (característica dos xiitas modernos) até sua morte, seis meses depois. Ali teve que esperar vinte e quatro anos para tomar o poder e se tornar, então, o quarto califa. Entretanto, isso não fez com que a oposição a seu governo fosse minimizada por Aisha, que ocupava um importante papel nas decisões políticas do islã. Assim, a mulher que se tornou a principal oposição do governo islâmico empreendeu uma batalha contra Ali, cavalcando à frente de suas tropas em um camelo, travando a primeira batalha entre muçulmanos.

Ali venceu e “a derrota foi não só dos milhares de dissidentes mortos na batalha, mas de todas as mulheres muçulmanas”.<sup>33</sup> Agora, o patriarcalismo tinha como argumento o fato de que a primeira batalha de muçulmanos contra muçulmanos aconteceu por culpa de Aisha e que, se esta tivesse permanecido em seu lar, fora da vida pública, nada disso teria acontecido.

Eles embasam seus argumentos na 33ª Surata, versículos 32-34:

Ó esposas do Profeta, vós não sois como as outras mulheres, se sois tementes, não sejais insinuantes na conversação, para evitardeis a cobiça daquele que possui enfermidade no coração, e falai o que é justo. E permaneçei tranquilas em vossos lares, e não façais exibições, como as da época da idolatria [...] E

<sup>29</sup> HAJJAMI, Aicha. A condição das mulheres no islã: a questão da igualdade. *Cadernos Pagu*, n. 30, p. 107-120, jan./jun. 2008, p. 109.

<sup>30</sup> BROOKS, 2002, p. 135-148.

<sup>31</sup> BROOKS, 2002, p. 215.

<sup>32</sup> SATRAPI, Marjane. *Persépolis*. São Paulo: Cia das Letras, 2008. p. 1.

<sup>33</sup> BROOKS, 2002, p. 114-115.

lembrai-vos do que é recitado em vosso lar, dos versículos de Allah e da sabedoria, porque Allah é Onisciente, Sutilíssimo.

Essa passagem do Alcorão também é utilizada para justificar o uso do *Hijab* e do *Xador*, bem como uma série de outras sanções impostas ao cotidiano das mulheres.

### A revolução islâmica

Voltando à questão do Irã, a Revolução Islâmica de 1979 foi um marco não apenas religioso, como também político.<sup>34</sup> Um povo dominado por cerca de 2.500 anos por várias etnias investe em uma revolução contra o colonialismo europeu.



Isso se deu, e ainda se dá, em vários momentos da história do Oriente Médio. Para o olhar ocidental, ferrenho defensor da democracia e dos direitos universais do homem, a revolução iraniana parece um passo para trás. Mas a situação não é tão simples e tampouco o foi no Irã. Existe uma

pluralidade de discursos e posições que deve ser levada em conta.

Existem outras demandas sociais, além da religião, e, sobretudo, existe a história de um povo colonizado que se liberta a seu modo. A distorção entre a realidade e o discurso do imperialismo moderno é bem conhecida nos países onde a colonização aconteceu. Nesses países, não é difícil sentir que a democracia não é liberdade, é opressão estrangeira. É a imposição da exploração pela força, travestida de discurso humanista.

Pensando por essa perspectiva, entende-se, de certa forma, por que os fundamentalistas receberam e recebem apoio da população: *são* árabes e muçulmanos. São os atores que, na *teatralização*<sup>35</sup> da vida cotidiana e do poder, apresentam para o público um espetáculo de sua própria origem, onde pesa a *tradição*. Se a vida não melhorou com a revolução, há quem diga que pelo menos foi feita pelos próprios iranianos.

Em meio à secularização, que fez as normas sociais descerem do céu para a terra, dos ritos sagrados para o debate cotidiano, o patrimônio cultural parece ser o lugar mais resistente a esse processo. A teatralização do patrimônio é o esforço para simular que há uma origem, uma substância fundadora, em relação à qual deveríamos atuar hoje. É a base das políticas culturais autoritárias. O mundo é um palco, mas o que deve ser representado já está prescrito. As práticas e os objetos valiosos se encontram catalogados em um repertório fixo. Ser culto implica conhecer esse repertório de bens simbólicos e intervir corretamente nos rituais que os reproduzem. [...] O fundamento “filosófico” do tradicionalismo se resume na certeza de que há uma coincidência ontológica entre realidade e representação, entre a sociedade, e as coleções de símbolos que as representam. O que se define como patrimônio e identidade pretende ser o reflexo fiel da essência nacional.<sup>36</sup>

Pensar, em um exercício de imaginação, que no universo dos muçulmanos, em que a família é o que mais importa, deve parecer extremamente bizarro ver uma mulher com duas ou três jornadas

<sup>34</sup> Figura 1.

<sup>35</sup> CANCLINI, 2008, p. 161-166.

<sup>36</sup> CANCLINI, 2008, p. 162-163.

de trabalho, acumulando o papel que lhe é dado há séculos como mãe e “dona de casa”, com o papel de trabalhadora e, muitas vezes, de chefe de família. E ainda ver que essa situação da mulher é apresentada como um discurso de liberdade. Por isso, também não é incomum encontrar discursos pró-fundamentalistas entre as próprias mulheres islâmicas, que veem o *hijab* como uma forma de protesto contra o imperialismo ocidental.

O véu, assim como todo artefato cultural, é também um costume que possui diversos significados. Longe de simbolizar apenas a opressão contra o gênero feminino, o véu é utilizado pelas mulheres islâmicas a partir de seus *significant others*,<sup>37</sup> ou seja, do que ela quer dividir para com os outros que a elas importam, seu círculo social, sua *sociedade significativa*.<sup>38</sup> A realidade é muito mais complexa que as ideias, porque esbarra com a bruta realidade de todos os dias.



O Irã dominado pelos fundamentalistas estava bem distante do que aprendi sobre os regimes árabes na escola. Desde 1920, a família que dera um golpe de Estado contra o rei tentava implantar a democracia inglesa em seu país e ocidentalizar seus costumes. A dinastia dos xás lembra, em muito, a

colonização latino-americana e seu modernismo forçado: “tivemos um modernismo exuberante com uma modernização deficiente”.<sup>39</sup>

A democracia iraniana, sua modernização e a dissolução de suas fronteiras culturais deram-se, antes de tudo, pela força. A diferença da *hibridação* por que passou a América Latina e o Oriente Médio se dá pela eficiência da imposição sobre uma sociedade complexa. Em algumas décadas, todos os costumes árabes foram dissolvidos ou proibidos pelo governo iraniano. O que surgiu disso foi uma cultura justaposta, sedimentada entre milhares de anos orientais e algumas décadas ocidentais. Se aqui na América Latina sofremos um colonialismo homeopático, meticulosamente dosado ao longo de séculos, lá a democracia ocidental foi injetada na veia cultural dos iranianos.

Por isso é cabível utilizar as denominações de Canclini para analisar o Oriente Médio. O terceiro mundo, politicamente localizado fora do Ocidente, configurou-se como uma sombra que reproduzia tudo que prevalecia no primeiro mundo. Retomando as ideias sobre o *Orientalismo*, percebemos que essas tensões são, sobretudo, jogos de *poder* balizados por discursos.<sup>40</sup>

É em meio a essa *hibridação* cultural e das tensões políticas que Satrapi representa sua autobiografia. Muitos iranianos que foram contra a revolução partiram para os Estados Unidos ou para a Europa, levando consigo parte de ser um oriental. Outros tantos permaneceram no país, resistindo ao regime islâmico como podiam.

Mesmo quando uma revolução é vitoriosa, nem sempre cumpre tudo o que seus extremistas imaginaram. Uma coisa é se aferrar tenazmente a tradições que existem há séculos, como faz a Arábia Saudita. Outra coisa bem diferente é impor de novo essas tradições depois que já houve mudanças na cultura.<sup>41</sup>

A descrição de Brooks corrobora diversas passagens de *Persépolis*. O início do capítulo, “a chave”, demonstra como a nova cultura tradicional choca-se com o modernismo estabelecido.

<sup>37</sup> LE BRETON, David. *As paixões ordinárias*. antropologia das emoções. Petrópolis: Vozes, 2009.

<sup>38</sup> Figura 02 e Figura 03.

<sup>39</sup> CANCLINI, 2008, p. 67.

<sup>40</sup> SAID, 2010, p. 34.

<sup>41</sup> BROOKS, 2002, p. 218.

Obrigadas a chorar pelos mártires da revolução, as crianças da escola e, sobretudo, a irônica protagonista “não levavam a sério aquelas lições de suplício [...] qualquer coisa era pretexto para dar risada”.<sup>42</sup>

A autora atribui à resistência e à revolta ao novo regime o fato de ter estudado em uma escola laica. A própria família de Satrapi, imensamente influenciada pelas obras de Marx e dos marxistas reificava o posicionamento de Marjane contra esse tipo de prática impositiva da diretoria da escola. Além disso, havia sempre os que estavam dispostos a denunciar quem quer que fosse considerado de “conduta suspeita”. A situação lembra bastante as ditaduras latino-americanas, cujo cotidiano de seus cidadãos era permeado pelo clima de tensão e pelos olhares investigativos, esperando um deslize para que fosse feita uma denúncia.

Enquanto isso, no cotidiano, por baixo das cortinas pretas que preservavam a família dos vizinhos, aconteciam festas regadas a vinho e música; as adolescentes flertavam com os meninos de sua idade na rua; nasceu e cresceu um mercado negro de músicas ocidentais, e Satrapi fumou o seu primeiro cigarro, em sinal de protesto contra aquele regime opressor,<sup>43</sup> enquanto seus pais contrabandeavam para a filha broches do Michael Jackson, pôsteres do Iron Maiden, tênis da Nike.



O comportamento dos Satrapi é tido cada dia como mais desviante na nova sociedade iraniana. Isso leva os pais de Marjane a tomarem a decisão de enviar a filha para a Europa. Aqui existe o ponto de cisão da obra. Teerã, a colônia descolonizada, vira agora coadjuvante. Entra em seu lugar a metrópole e o deslocamento de Marjane, que,

como muitos migrantes, sofre com a questão da alteridade, do não-lugar e da identidade.

### Autodescolonização e identidade

Os quadros que se seguem na obra demonstram a mudança cultural drástica e um processo que apelidei despretensiosamente de autodescolonização. O apelido é, na verdade, um processo pelo qual o migrante passa quando descobre que a tão sonhada metrópole, o paraíso dos colonizadores, pouco ou nada tem a ver com a representação marcada em seu imaginário. Descrita constantemente como um modelo a ser seguido pelos colonizados, penso que a Metrópole foge à realidade e torna-se uma “Terra do Nunca”. É como o Orientalismo de Said às avessas, a metrópole seria um discurso aglutinador das ideias e perspectivas dos colonizadores para com a colônia, espelhados em uma Metrópole e umas sociedades ideais, que pouco têm a ver com a realidade.

Marjane muda para a tão referenciada Europa, mas sente, em diversos momentos, o deslocamento de ser uma estrangeira.<sup>44</sup> Ela saiu de Teerã, mas o Irã não saiu dela. Tendo como principal referencial teórico os costumes iranianos, mesmo vivendo sozinha a personagem se vê fazendo sérios questionamentos acerca da sua identidade<sup>45</sup> e do seu lugar no mundo.<sup>46</sup>

<sup>44</sup> Figura 05.

<sup>45</sup> Identidade é um conceito muito caro às Ciências Sociais, utilizo-o aqui apenas por falta de sinônimo, uma vez que conscientemente não assumirei nenhuma discussão acerca do tema.

<sup>46</sup> Figura 06.

<sup>42</sup> SATRAPI, 2008, p. 96.

<sup>43</sup> Figura 04.



A diluição conceitual provocada pela autodescolonização, aliada ao choque cultural de imersão em outro país, geram na personagem um forte sentimento de não-pertencimento, que a leva de um relacionamento conturbado a um descompasso absoluto, quando vira moradora de rua em Viena por um mês. Assim, da intelectual reacionária aos costumes culturais de seu país, Marjane passa a migrante com saudades de sua terra. A angústia cultural é tamanha que, em uma passagem da obra, inclusive, veste o *hijab* em busca de algum tipo de conforto. O processo de autodescolonização estava completo, e Persépolis passa para a terceira fase da personagem: o retorno às origens e a maturação conceitual do diálogo cultural colônia/metrópole.

Novamente, existe o estranhamento de casa. Ao mesmo tempo que tudo muda, as coisas continuam as mesmas. Aqui cabe ressaltar que a revolução já estava ganhando ares de regime ditatorial. As últimas páginas de *Persépolis* remontam a forte segregação sexual imposta pelo regime e insere uma discussão acerca situação das mulheres,

não só no islã, como no mundo. A amiga de Satrapi diz que o problema “não está apenas nos iranianos, mas dos homens em geral”.<sup>47</sup> Eu iria um pouco além, dizendo que os problemas nas relações de gênero são da sociedade como um todo.

Ainda assim, dentro do mundo árabe, o Irã é um caso à parte, pois o Estado Islâmico, por mais que quisesse retomar os costumes tradicionais, convivia com uma resistência muda, cotidiana, pautada sobretudo pela *hibridex* que flui na cultura iraniana.

### As mulheres, os outros e as mulheres dos outros: dúvidas retiradas ou mais perguntas?

Podemos reconhecer que a verdade não é propriedade de nenhuma cultura; devemos apoderar-nos das verdades de que precisamos onde quer que as encontremos. [...] há que se acreditar nelas; e saber se as verdades que retiramos do Ocidente *serão* ou não dignas de crédito depende, em grande medida, de como consigamos administrar as relações entre nossa herança conceitual e as ideias que correm a nosso encontro, vindas de outros mundos.<sup>48</sup>

Analisando criticamente o discurso de Marjane, reconhecendo sua autobiografia como uma obra completa dividida em partes significativas para a autora, temos o indicativo de que sua visão encontra-se em um espaço dialógico, onde ela cria uma mediação cadenciada entre o Oriente e o Ocidente que traz para o leitor pontos interessantes de reflexão, com os quais termino este trabalho.

Primeiramente, sobre o perigo de discursos hegemônicos e da consolidação de *estereótipos*. Esse termo, que originalmente era usado para denominar um molde de impressão que reproduziria várias cópias, é hoje sinônimo de uma versão muito mais simples da realidade, totalizadora porque se concentra na ideia de que *todos* os indivíduos de tal grupo possuem *todas* as características identificadas no grupo e, principalmente, persistentes.<sup>49</sup>

<sup>47</sup> SATRAPI, 2008, p. 331.

<sup>48</sup> APPIAH, 1997, p. 21.

<sup>49</sup> SADIQI, Fatima. Estereótipos das mulheres na cultura marroquina. *Cadernos Pagan*, n. 30, p. 11-32, jan./jun. 2008, p. 13.

A literata nigeriana Chimanda Adichie, em uma palestra para o TED<sup>50</sup>, alerta para o perigo que há em contar apenas uma história e de como um olhar único sobre uma pessoa, um povo e uma nação é míope ao criar estereótipos totalizadores. Assim, a dominação masculina na visão e nos registros históricos justifica a subordinação das mulheres em sociedades pós-coloniais, porque conta-nos uma única história.

Ao contrário dessa ideia de mulher submissa e à sombra do homem, confinada no lar, Marjane mostra-se uma mulher de personalidade forte, decidida e emancipada, que se sente confortável em criticar os costumes de seu país publicamente. Em outra obra sua, muito mais curta, porém bastante significativa, *Bordados*,<sup>51</sup> ela mostra a intimidade feminina das mulheres do islã, descrevendo as experiências de mulheres diversas com homens de todo o tipo. Mulheres que se casaram diversas vezes, mulheres que não se casaram virgens e tentaram reconstituir o hímen; meninas bonitas casadas com generais idosos. O livro *Nove partes do desejo*<sup>52</sup> também procura resgatar histórias das mulheres sob o véu. Enfim, uma gama de histórias que contam a multiplicidade de experiências e perspectivas que as mulheres islâmicas vivenciam, e que só passamos a perceber quando retiramos de nossa visão o véu do estereótipo e das histórias únicas.

Já expressei, no começo deste artigo, o horror que tive quando ouvia a história do islamismo e da opressão vivida pelas mulheres de *Hijab*. Hoje entendo, de certa forma, por que os franceses acham libertador proibir a burca em suas escolas. Se o meu conhecimento sobre o Oriente Médio tivesse se restringido ao que aprendi na escola e na televisão, se eu não soubesse mais nada sobre esse pedaço do mundo de pessoas com hábitos e costumes incompreensíveis, provavelmente corroboraria a atitude do governo francês. Hoje, não consigo tomar uma posição.

Assim, concluo meu trabalho com a única certeza de que clareei um caminho de dúvidas. Não há respostas simples que deem conta de questões tão abrangentes e cheias de variáveis. Resta-me, após essa breve incursão por essas histórias, o sentimento de familiaridade com tantas delas, às vezes mais do que gostaria que fossem. Como mulher latino-americana, conheço diversas histórias de opressão e violência contra as mulheres ocidentais. Mais do que isso, nesta condição, vivo, também, essas histórias no meu cotidiano.

[Recebido em: maio 2012 e  
aceito em: maio 2012]

<sup>50</sup> É uma conferência anual que reúne os mais importantes pensadores do mundo que são desafiados a fazerem a melhor apresentação de suas vidas em 18 minutos. Cf. TED, *Ideas worth spreading*, 2011.

<sup>51</sup> SATRAPI, Marjane. *Bordados*. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2010.

<sup>52</sup> BROOKS, 2002.